

LUCY: A FUGA PERFEITA É SEM VOLTA
LUCY: THE PERFECT ESCAPE IS NO RETURN

Luciana Lis de Souza e Santos (UESPI)¹

RESUMO: O presente artigo busca empreender reflexões sobre autodefinição e autoavaliação de Lucy, personagem-título do romance de Jamaica Kincaid. Lucy é oriunda de Antígua, ex-colônia, ainda marcada pela colonialidade que pretende definir papéis e estereótipos para mulheres negras, sobretudo aqueles que as subalternizam e criam imagens de controle. Porém, Lucy subverte esses papéis e cria sua própria liberdade ao ir embora do país e se distanciar para sempre de sua mãe, forjando a liberdade ainda que bastantes fricções da colonialidade, racismo e sexismo. Para tanto, o trabalho se apoia em teorias de Collins (2016, 2019), Vergès (2020), Lorde (2019), Maldonado-Torres (2018), Woodson (2021), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Autodefinição. Autoria Negra Feminina. Literatura Pós-Colonial. Jamaica Kincaid.

ABSTRACT: This article seeks to reflect on the self-definition and self-evaluation of Lucy, the title character of Jamaica Kincaid's novel. Lucy comes from Antigua, a former colony, therefore daily due to coloniality that aims to define roles and stereotypes for black women, especially those that subordinate them and create images of control. However, Lucy subverts these roles and creates her own freedom by leaving the country and distancing herself from her mother forever. To this end, the work is based on the theories of Collins (2016, 2019), Vergès (2020), Lorde (2019), Maldonado-Torres (2018), Woodson (2021), among others.

KEYWORDS: Self-definition. Black Female Authorship. Post-Colonial Literature. Jamaica Kincaid.

INTRODUÇÃO

Eu preciso dizer, para iniciar o presente trabalho, que este é uma defesa de Lucy. A defesa de uma mulher negra caribenha, de 19 anos, que, em uma segunda diáspora, pois da primeira já é herdeira, sai de Antígua rumo aos Estados Unidos.

Digo que defendo Lucy, porque durante discussões sobre esta obra de Jamaica Kincaid, nas aulas de pós-graduação, Lucy foi acusada de ser grossa, seca, irônica, mal-educada, impaciente, cínica e mais alguns adjetivos que, diziam alguns colegas, tornavam a minha

¹ Graduada em Comunicação Social (UESPI); Especialista em Literatura, Estudos Culturais e Outros Gêneros (UESPI); Mestra em Literatura e Cultura, com pesquisa sobre contos de Miriam Alves (UESPI); Doutoranda em Estudos Literários pelo PPGLL da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: lis-luciana@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8919-1477>; <http://lattes.cnpq.br/8276608355446763>

heroína uma personagem pouco agradável. Na realidade, em todo o romance, Lucy apenas tenta rupturas da colonialidade, entendida por Quijano (2005) como um modelo de exercício de dominação especificamente moderno que interliga a formação racial, o controle do trabalho, o Estado e a produção de conhecimento, pois mesmo após a formalização das independências das ex-colônias, perduram os legados na modernidade e suas estruturas racistas por meio do capitalismo, da subalternidade e da hierarquização social a partir da raça. Portanto, a descolonização não garantiu que os discursos que circulam tenham superado a lógica colonial, dessa maneira, ainda vivemos sob sintomas da colonialidade.

E por que Lucy provoca esse desconforto sobre os quais discutiam seus leitores? É por que ela se mostra incomodada com a condescendência e o paternalismo de sua patroa branca? Por que “uma voz que tem sido calada há muito tempo”, como nos diz Jacob Sam-La Rose (*apud* Kilomba, 2019), incomoda tanto e soa desagradável? Porque este é um livro sobre confronto contra a colonialidade, em que Lucy tem voz e subjetividade, e fala sobre uma história acerca da qual não se quer ouvir para além da conotação folclórica, como diz Maldonado-Torres, que argumenta:

[...] a ordem das coisas no mundo moderno/ocidental é tal que as questões sobre a colonização e descolonização não podem aparecer, a não ser como mera curiosidade histórica. Espera-se que o colonizado ou ex-colonizado seja tão dócil quanto grato. (Maldonado-Torres, 2018, p. 38).

Lucy é uma mulher com grande potência para agir, para criar, para construir seus próprios caminhos, ainda que com muitas fricções, que sejam de identidade, de sexualidade, da colonialidade, das imagens de controle (Collins, 2019), mas que não a impedem de constituir sua subjetividade, sua humanidade, suas falas que cortam como o aço da navalha e que incomodam aqueles que não esperam por um antitempo de produto do colonialismo e que desafia estereótipos em nome de sua autodefinição e autoavaliação (Collins, 2016). Para a autora,

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas por imagens autênticas de mulheres negras. (Collins, 2016, p. 102).

Lucy não se deixa definir, e este livro é sobre sua busca por essa autodefinição, em que ela desafia todo o processo de validação de imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina negra que deriva da colonização, em que ela vai poder criar imagens autênticas de mulher negra. A grande importância dessa subversão de Lucy é que ela confronta

a desumanização de mulheres negras que são socialmente exploradas. Lucy resiste a opressões. Quando mulheres negras definem a si próprias, elas rejeitam os estereótipos, confrontam a autoridade que quer descrever, prescrever e determinar o papel da mulher racializada na sociedade, então, Lucy, quando insiste no ato da autodefinição, valida seu poder de mulher negra como um sujeito humano.

Por meio deste livro, é possível entender o discurso literário como instrumento de aquisição de liberdade, a partir do qual é possível apropriar-se das representações colonialistas: Lucy é o antimodelo do colonizado, porque encontra novos espaços para que sua subjetividade seja plenamente desempenhada, ultrapassando as limitações determinadas pelas sociedades patriarcais e pós-coloniais de que é oriunda.

É necessário, portanto, para Lucy, tornar-se sujeita (Kilomba, 2019), ter autoridade sobre a própria história, tal como argumenta hooks (1989 *apud* Kilomba, 2019, p. 42): “[...] sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear as suas histórias”.

O objetivo deste trabalho é analisar, na obra “Lucy”, de Jamaica Kincaid, os caminhos e o desejo da personagem-título de definir-se por si mesma, recusando todas as imagens que são projetadas a seu respeito por ser uma mulher negra e racializada. Para tanto, o embasamento teórico é pautado nas ideias de Collins (2016, 2019), Vergès (2020), Lorde (2019), Maldonado-Torres (2018), Woodson (2021), dentre outros.

A seguir, apresento Lucy e Jamaica Kincaid, e, na sequência, a discussão da obra.

LUCY (1990)

Nesta novela escrita por Jamaica Kincaid, acompanhamos a migração de Lucy e as mudanças marcantes em sua vida a partir de sua fuga da Antígua para os Estados Unidos: a migração, a noção de lar, a sexualidade, as identidades e o colonialismo, o futuro e o passado sendo confrontados e o seu profundo desejo de liberdade.

Lucy Josephine Potter, sobrenome que só descobrimos nas últimas páginas do livro, tal qual a Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo (2003), não gosta desse, e com razão, pois foi herdado de antigos escravizadores de pessoas negras. Lucy deseja mudar seu nome; Lucy está sempre de partida; Lucy raspa a cabeça; Lucy atravessa o oceano para não voltar nunca mais.

Seus conflitos são perpassados pelas presenças indeléveis da mãe e do seu país de origem, criando imagens que por vezes se borram e se confundem, pois tanto a genitora e a sua terra natal aparecem na obra como figuras das quais deseja se afastar. Há o desejo incessante de distanciamento, pois “[...] as relações problemáticas entre mãe/filha e

colonizador/colonizado são entrelaçadas, ambas inscritas e imbuídas das correlações de sexualidade, poder e políticas de migração” (Walter, 2009, p. 175 *apud* Silva, 2012, p. 54).

Sua relação com a mãe e com Mariah (sua patroa e mãe dos quatro filhos de quem se torna babá), a migração para os Estados Unidos (que constitui a segunda diáspora em sua história), e as transformações pelas quais passava vão contornando a vida dessa mulher admirável e corajosa, que “[...] não tinha posição social nem dinheiro à minha disposição. Tinha memória, tinha raiva e tinha desespero” (Kincaid, 1994, p. 73).

Este é um livro sobre as mudanças, e esta palavra se repete porque é a constante na vida de Lucy: mudança de país, mudança de lar, mudança de clima, sexualidade cambiante, e, embora reconhecesse seu próprio rosto no espelho, “[...] a pessoa em que me transformara eu não conhecia muito bem [...]” (Kincaid, 1991, p. 73), diz Lucy para si mesma, quando decide sair da casa de Mariah, lembrando as palavras de sua mãe: “[...] a vida inteira eu deveria garantir que o teto sobre a minha cabeça fosse meu; isso era importante, especialmente quando se era mulher” (Kincaid, 1991, p. 78).

JAMAICA KINCAID

Antes de analisar alguns aspectos de Lucy, convém apresentar Jamaica Kincaid e a relevância de sua autoria como mulher negra, porque a escrita de mulheres negras rompe com o etnocentrismo do sistema cultural que reduz as manifestações artísticas à órbita da visão europeia. Quando a mulher negra escreve, ela pode construir novas imagens. Por meio de sua arte, e, partindo de sua subjetividade, vai construir imagens afirmativas sobre a negritude, combater o racismo e dar sentido íntimo, político e racional aos seus escritos e às suas manifestações, borrando o estereótipo do primitivismo, da selvageria e do tom folclórico que insistem em imputar àqueles oriundos da diáspora africana. Para Collins (2016), a arte tem dimensão muito importante como expressão criativa em construir e apoiar as autodefinições e autoavaliações de mulheres negras. Sobre a arte, ela afirma:

Além de documentar as conquistas das mulheres negras como escritoras, dançarinas, músicas, artistas e atrizes, a literatura emergente também investiga porque a criação expressiva tem sido um elemento tão importante da cultura das mulheres negras. O ensaio clássico de Alice Walker (1974), *In search of our mothers' gardens*, explica a necessidade da criatividade das mulheres negras, ainda que em esferas muito limitadas, para resistir à objetificação e afirmar a subjetividade das mulheres negras como seres plenamente humanos. (Collins, 2016, p. 112).

Portanto, a literatura engendra uma esfera de liberdade, por meio da qual se pode transcender. Uma escrita que causa incômodo, medo e ansiedade, dado ainda o processo de desumanização a que um dia as pessoas negras foram submetidas, e do qual permanecemos herdeiros. A escrita de autoria feminina negra tem motivações históricas, políticas e literárias, com a criação de novas possibilidades imagéticas, pois constitui ato de rebeldia e também de afeto com relação ao mundo, como defende Eduardo de Assis Duarte sobre a escrita de pessoas negras: “[...] ora exasperadas, ora ríspidas, ora sutis, ora irônicas, ora ternas, ora cheias de esperanças” (Duarte, 2021, p. 4).

Jamaica Kincaid nasceu em Antígua e Barbuda, porém é radicada nos Estados Unidos. A autora declarou que *Lucy* é um romance autobiográfico, por isso, ainda que na obra não sejam mencionados, como origem e destino, Antígua e Estados Unidos, é essa a maneira à qual irei me referir neste trabalho. Como *Lucy*, Kincaid saiu de Antígua para os Estados Unidos a fim de trabalhar na casa de um casal, sobretudo fugindo de opressões da mãe, do país e da colonialidade que permaneceu, como sempre permanece, mesmo quando chega o fim do colonialismo como estrutura político-administrativa das ex-colônias.

Este trabalho também propõe estender a fortuna crítica na literatura sobre o trabalho de Jamaica Kincaid, momento em que exalta a força da escrita de uma mulher negra que advém de cultura colonial, que subverte ordem de saber, de poder e de ser impostos pela colonialidade, por meio de uma narrativa de confronto, que não se separa das representações sociais do mundo, enfrentando o colonialismo e o patriarcado, construindo seu discurso em território de disputa, como argumenta Bonnici (2003, p. 259): “[...] embora o discurso seja repleto de poder, não é imune aos desafios e mudanças internas: é o lugar de conflito e luta, encarregado de criar e suprimir a resistência. Para Foucault, o discurso reforça o poder e, ao mesmo tempo, o subverte”.

Por meio deste estudo, gostaria de mostrar a *Lucy* que deseja ser, que, mesmo se debatendo dentro de um discurso e de imagens de controle que a tentam definir, ela tem raiva o suficiente para estabelecer todos os seus caminhos, mesmo tendo que abandonar a mãe e o país onde nasceu.

AS REBELDIAS DE LUCY

Entendo como relevante sublinhar a manifesta lucidez de *Lucy* sobre sintomas pós-coloniais e a sua potência como sujeito que jamais se enverga para as imagens de controle, pois não é domesticada, submissa, pura ou alguém piedosa. Na obra, é possível perceber, em vários trechos, a sua postura indócil e nunca disposta a atender aos interesses de grupos dominantes –

mulheres e homens brancos, por exemplo. Como mulher negra, ela é insubmissa. Lucy está sempre saindo em sua defesa, cuja raiva é sentimento determinante para fazer sua jornada. Na época do lançamento de Lucy, no Brasil, foi publicada uma entrevista em que Kincaid respondeu sobre ser alguém tão raivosa quanto Lucy, dizendo: “[...] é uma arma muito útil e é muito bom para uma mulher ser assim. As pessoas não gostam de mulheres muito bravas, mas é uma arma potente pra te tirar de um buraco” (Kincaid, 1990). Sobre essa fúria, é possível pensar a partir do apontamento de Audre Lorde sobre o uso social da raiva, em que ela diz:

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem à habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas. (Lorde, 2019, p. 144).

Lucy arregimenta argumentos sobre o seu corpo, sobre a visão da metrópole e de sua ex-colônia e sobre os sintomas da pós-colonialidade persistente, e mais: sobre a maneira que a colonialidade afetou todos os seus desejos sobre estudar, sobre o seu corpo e suas perspectivas acerca do futuro. Lucy jamais se permitiu ser enganada ou agiu desprovida do conhecimento sobre aquilo que esperavam de uma mulher racializada recém-chegada aos Estados Unidos. Por mulher racializada, considero aqui

[...] aquelas mulheres vistas como não-brancas e não-ocidentais, que vivem na Europa e nos Estados Unidos, na condição de imigrantes e refugiadas. O mesmo termo é válido para mulheres que, embora possuam cidadania francesa no papel, não escapam ao processo de racialização devido a marcas sociais diacríticas como cor, costumes, religião, língua ou outro distintivo que as impeça de adentrar a seleta e exclusiva sociedade ocidental”. (Rios, 2020, p. 10).

Quando Lucy chega aos Estados Unidos, a partir de um ato de determinação interior, não trazia consigo ilusões sobre a metrópole, pois entende que estava vindo de um país periférico, de estrutura colonial e excessivamente patriarcal. O antegozo que celebrava antes da chegada aos Estados Unidos foi rapidamente suplantado, porque sabia o papel que era guardado para uma mulher racializada vinda de uma ex-colônia. Ela reflete: “Eu compreendia, sabia qual era a minha posição ali. Se tivesse tido que pintar um quadro do meu futuro então, teria sido uma enorme mancha cinzenta rodeado de negro, muito negro, negríssimo” (Kincaid, 1990, p. 3).

Lucy foi contratada para ser a babá dos quatro filhos de Mariah e Lewis, vivia em um quatinho de empregada e frequentava a escola no período noturno. Sendo babá das crianças,

ela era interpelada pelos patrões para que se sentisse como se fosse parte da família, recebida com muita simpatia por todos. Deveria ser considerada como alguém da família, mas, na verdade, o trabalho prestado por Lucy é apenas extensão de estruturas coloniais, já que, no capitalismo, o trabalho é escalonado por raça, pois “[...] o trabalho de cuidado e limpeza é indispensável ao funcionamento do capitalismo racial.” (Rios *apud* Vergè, 2020, p. 11).

Ao falar sobre a proximidade de Lucy e Mariah, de como se tornaram íntimas, é indispensável trazer o conceito de Patricia Hill Collins sobre “outsider within”, ou forasteira de dentro: viver como Lucy vivia, de acordo com Collins, é que “[...] acabamos desenvolvendo uma forma particular de ver a realidade. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora... compreendíamos ambos” (hooks *apud* Collins, 2016, p. 100). Para contextualizar, trago a lúcida reflexão de Lucy sobre a sua existência na casa de seus patrões:

[...] foi ao jantar certa noite pouco depois de ter começado a morar com eles, que começaram a me chamar de “A visita”. Diziam que eu parecia não tomar parte das coisas, como se não morasse na companhia deles, como se não fossem uma família para mim, como se eu estivesse apenas de passagem, só dando um longo Alô! Tchau! Foi ótimo! [...] Lewis disse: “Pobre visita, pobre visita”. (Kincaid, 1990, p. 7).

Na introdução do artigo sobre “O poder da autodefinição”, Collins traz a fala de uma trabalhadora doméstica negra idosa, e, com lucidez e inteligência, reflete sobre o seu papel, dizendo: “[...] sempre fomos as melhores atrizes do mundo, [...] acho que fomos muito mais inteligentes que eles, porque sabemos que temos de jogar o jogo. Sempre tivemos duas vidas – uma para eles, outra para nós mesmas.”

Na realidade, para Lucy, não havia nenhum motivo que a fizesse querer participar daquela família. Essas pessoas brancas, as quais, no alto de sua soberba, pensam que, para Lucy, seria muito importante estar naquela família, como se para ela fosse importante se projetar no seio de uma família branca. Na realidade, Lucy apenas percebia, em silêncio, o racismo como mulher negra que via de perto os segredos de seus patrões brancos. Sobre o tema, Collins aponta:

[...] os relatos das trabalhadoras domésticas negras ressaltam a percepção de autoafirmação vivenciada pelas trabalhadoras ao verem o poder branco sendo desmistificado – saberem que não era o intelecto, o talento ou a humanidade de seus empregadores que justificava o seu status superior, mas o racismo. (Collins, 2016, p. 99).

Em determinado momento da obra, Lucy compara sua visão de mundo com a de Mariah, dada a proximidade de ambas: “Não era minha culpa. Mas nada podia mudar o fato de que onde ela via lindas flores eu via tristeza e amargura. A mesma coisa podia nos fazer

derramar lágrimas, mas aquelas lágrimas não teriam o mesmo sabor” (Kincaid, 1990, p. 16). Sobre essa passagem da obra, Silva (2012, p. 55) defende:

Vê-se aqui o quanto o lugar de que cada uma veio influi sobre o modo de ver a vida: enquanto Mariah faz parte dos ‘vencedores’, Lucy faz parte dos ‘vencidos’; enquanto Mariah tinha uma visão positiva e por vezes inocente da vida (já que nunca precisou fazer grandes esforços e foi criada num ambiente de harmonia) Lucy, mesmo com pouca idade, já é capaz de afirmar que [...] seus olhos estão acostumados com o mundo real, não com o mundo de contos de fada.

Considero impossível não comparar o comportamento raivoso de Lucy com o de Aimé Cesáire, um dos mais expressivos pensadores negros da história, que dedicou a vida à literatura, a contestar o colonialismo, o capitalismo e a enaltecer as raízes africanas. Em “Discurso sobre o colonialismo” (2021), ele protesta contra a ordem colonial, contra esse conto de fadas em que Mariah parece viver. Lucy compreende que a vida em seu país, a partir da colonização, jamais foi uma boa ação, pois, sob o fio da espada, só existiam a violência, o flagelo, o racismo, a pilhagem e o genocídio como lógica do sistema. E, tal qual como Cesáire, Lucy usa o seu direito à indignação, e recusa o etnocentrismo cultural americano. Há profunda crítica quando Lucy relembra sobre um poema que leu na infância:

Lembrei de um velho poema que me mandaram decorar quando tinha 10 anos e era a aluna da escola feminina Queen Victoria. Mandaram-me decorá-lo, verso por verso, e depois tive de recitá-lo por inteiro para a platéia de pais, professores e colegas. Quando acabei, todos se levantaram e aplaudiram com um entusiasmo que me surpreendeu, e mais tarde me disseram que enunciara cada palavra muito bem, que pusera ênfase exata nos pontos certos, e que orgulho o poeta, há muito falecido, teria sentido ao ouvir suas palavras ecoando de sua boca. Estava no auge da minha ambiguidade: ou seja, por fora parecia uma coisa, por dentro, outra; por fora falsa, por dentro verdadeira. Por isso emiti exclamações educadas que revelaram ao mesmo tempo modéstia e gratidão, mas por dentro fiz um juramento de apagar da minha cabeça, linha por linha, cada palavra daquele poema. [...] Esquecera tudo isso até que Mariah mencionou os narcisos, e agora que lhe contei o episódio com tanta raiva que surpreendi a ambas. (Kincaid, 1990, p. 10).

Essa passagem revela a raiva de Lucy contra o que Carter Woodson (2021) chama de “A des-educação do negro”, que critica a educação oferecida aos negros no período pós-abolição/pós-colonização, em que prevalecia o currículo eurocêntrico, ocidentalizado e racista, que justificava a escravidão e o linchamento social dos negros, e, dessa maneira, a educação apenas fazia a manutenção da lógica racista que já prevalecia há séculos.

De acordo com Bonnici, sobre as colônias das quais Lucy é oriunda,

Entre todas as sociedades colonizadas, talvez a sociedade caribenha seja a que mais sofreu os efeitos devastadores do processo colonizador, onde o idioma e a cultura

dominantes foram impostos e as culturas de povos tão diversos, aniquiladas. (Bonnici, 2009, p 263).

Woodson (2021) defendia radicalmente a educação que expusesse as ciências, a história, as belas artes, a filosofia e os pensamentos de quaisquer culturas, incluindo, especialmente, as da África e oriundas da diáspora negra, pois, quando se amplia todo esse conhecimento, há uma mudança de perspectiva que contraria a servidão e a vida marcada por desigualdades sociais em virtude do preconceito racial e de toda a negligência do Estado para com a população negra desde a abolição da escravidão.

A negligência e a omissão da história e das ciências dos negros em sua educação podem levar à introjeção de desprezo e autodepreciação desde a infância, fazendo com que pessoas negras cresçam achando que seu rosto é uma maldição e que quaisquer esforços serão inúteis, matando todas as suas aspirações.

Portanto, desde a infância, Lucy já compreendia que aquele tipo de conhecimento apenas faria a manutenção de um sistema que manteria pessoas negras reféns do escalonamento social a partir da raça, em que ela estaria na base, pois era uma mulher negra. Lucy sente raiva daquela estrutura por entender que educação é liberdade, é meio para contestar e subverter o poder das autoridades e para a ruptura do papel submisso das mulheres negras nas sociedades.

Em “Discurso contra o colonialismo”, Aimé Cesáire diz que a Europa é a maior produtora de cadáveres da história da humanidade. Para fazer um paralelo, Lucy vai ao museu e vê “[...] uma seção inteira dedicada a povos, todos mortos, que eram mais ou menos aparentados da minha avó [...]” (Kincaid, 1990, 21) – eram povos que foram colonizados, como os antepassados de Lucy. A sua referência é de dor, mas para Mariah não passa de um estereótipo:

Mariah e eu estávamos nos desejando boa noite da maneira que sempre fazíamos, com um abraço e um beijo, mas desta vez agimos como se ambas preferíssemos não ter iniciado tal costume. Ia quase saindo do quarto quando se virou e disse:
– Eu estava querendo lhe dizer que tenho sangue de índio, que a razão por que sou boa na pesca, na caça às aves, em assar milho e fazer todo tipo de coisas é porque tenho sangue índio. Mas agora, não sei porque, sinto que não devia lhe dizer. Sinto que vai me interpretar mal. (Kincaid, 1990, p. 21).

E Lucy realmente interpretou mal, como de fato deveria ser, e foi surpreendida. Ela relembra que tem, além de seus pais e avós, sangue de indígenas e de outras pessoas que ganharam a vida no mar.

A cena em que Lucy é surpreendida com a exposição dos preconceitos de Mariah em um episódio corriqueiro, é sintoma recorrente de pós-colonialidade, sobre o quais Bhabha (1998, p. 105) se refere:

[...] o estereótipo é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma de representação presa, fixa, que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. O estereótipo decorreria da relação de dependência existente entre a fixidez e a construção ideológica da alteridade no discurso colonial, na medida em que se constitui como estratégia discursiva principal e é personificado e validado pelo processo de ambivalência.

Por ter vindo de uma ex-colônia, Lucy sabe que a colonização jamais permitiu que indígenas e povos originários vivessem em tal harmonia com a natureza, como suscita Mariah: a ordem colonial esvaziou sociedades, pisoteou culturas, confiscou terras, sacrificou milhares de homens e mulheres, e nos demais inculcava o pavor e a servidão. Mariah deixa expresso tacitamente o sentimento de superioridade que paira no norte global, o de que possuem cultura e intelectualidades superiores às dos negros, indígenas e demais povos colonializados.

Outro aspecto levantado no presente trabalho diz respeito à sexualidade de Lucy. Segue o trecho em que ela menciona um sonho que teve com Lewis, seu patrão:

Fiquei lembrando de um sonho que tivera: Lewis me perseguia pela casa. Eu não usava roupa alguma. O chão em que corria era amarelo, como se fosse ladrilhado com fubá. Lewis não parava de me perseguir pela casa e embora chegasse perto não conseguia me pegar. Mariah parada junto às janelas dizia: “Pega ela, Lewis, pega ela”. Por fim caí por um buraco, em cujo fundo havia cobras prateadas e azuis. (Kincaid, 1990, p. 7).

O que se pode perceber, a partir desse sonho, são as manifestações de relacionamentos entre homem branco e mulher negra em sociedades coloniais, sobre os quais há resquícios na subjetividade de Lucy. De acordo com Pereira (2020, p. 14):

O envolvimento dos homens brancos colonizadores com as mulheres dos povos colonizados e escravizados, de modo esporádico ou em regime de ilegitimidade (prostituição, estupro, concubinato), perfazia uma das faces da dominação colonial, conferindo à trama erótica a marca de um acentuado grau de hierarquia e da violência material e simbólica, com impactos que se estenderam aos processos de constituição de subjetividades de colonizadores e colonizados.

Portanto, o sonho de Lucy reverbera a sombra da colonialidade que não se dissipa facilmente, o que demonstra as faces da hierarquia, da dominação e das violências coloniais e que constituem fortemente a subjetividade da mulher negra descendente da diáspora e da escravização. Contudo, o que preciso dar ênfase é o momento em que Lucy reordena a mecânica

do poder com relação ao seu corpo e à sua sexualidade e aos afetos. Lucy institui, a partir de sua primeira experiência sexual, uma nova ordem simbólica sobre o seu desejo, sobre o seu corpo e o modo de dispor sobre a sua vida sexual. Segue o trecho em que fala sobre a sua primeira relação sexual:

A primeirinha vez que fizemos tudo que queríamos fazer, estendemos uma toalha no chão de seu quarto para eu me deitar [...]; era uma toalha branca, e quando me viu, primeiro ficou paralisado de medo, em seguida sorriu e exclamou: - Ah – uma nota excessivamente triunfante na voz, e não sei como, mas encontrei presença de espírito para responder:

– É só a minha menstruação que está começando.

Não fazia a menor questão de ser virgem e há muito tempo andava antegozando o dia em que me livraria dessa condição, mas quando percebi a grande importância que dava a ter sido o primeiro rapaz a andar comigo, não pude lhe dar esse poder sobre mim. (Kincaid, 1990, p. 44).

Lucy mantém seus relacionamentos a partir de sua própria satisfação interior, em suma, revelando uma nova possibilidade de viver seu corpo e suas afetos: a protagonista demonstra a falta de interesse pelo tradicional modelo de relacionamento heteronormativo, que desemboca em casamento, procriação e uma vida dedicada ao lar e aos filhos, em nome de experiência pessoal que privilegie o seu prazer, abrindo seus próprios caminhos para trajetórias afetivo-sexuais mais diversificadas e individualizadas, que se delineiam pela busca da realização pessoal e da felicidade na esfera da intimidade, e na valorização do prazer sexual (Giddens, 1993 *apud* Pereira, 2020). Para Collins (2016, p. 104),

[...] é necessário aconselhar mulheres negras a abraçarem sua assertividade, a valorizarem sua ousadia, e a continuarem a usar essas qualidades para sobreviverem e transcenderem os ambientes hostis que circunscrevem as vidas de tantas mulheres negras. Ao definir e valorizar a assertividade e outras qualidades “não femininas” como atributos necessários e funcionais da condição feminina afro-americana, a autoavaliação das mulheres negras desafia o conteúdo de imagens controladoras externamente definidas.

São visíveis em Lucy as mudanças profundas no significado tradicional de relacionamento heterossexual, porque ela subverte qualquer associação do feminino ao romantismo, à emotividade, à passividade ou de naturalizar uma possível subordinação sexual ao homem. A intersecção de raça e gênero arremessa mulheres negras para um lugar de solidão e de relacionamentos com vínculos afetivos precários. Contudo, o incômodo é menor que o afago quando se percebe que a solidão também pode se dar quando é uma maneira consciente de insubmissão e de negar relacionamentos e papéis que enquadram a mulher negra numa posição de subalternidade. É essa a rebeldia de Lucy.

Antes de concluir o trabalho, gostaria de mencionar um aspecto delicado e determinante na vida e trajetória de Lucy: a relação com a mãe. Entre elas havia uma enorme distinção, enquanto a mãe de Lucy vivia de maneira que reproduzia machismo, subordinação feminina e subalternidade em relação aos homens, Lucy sonha em estar longe dessa posição e se desvencilhar desse modelo, ainda que tivesse que romper com a mãe. Em um dado momento, esta reflete:

Eu já tinha uma mãe que me amava, e passara a ver o seu amor como um peso e a ver com horror a sensação de vaidade que dava à minha mãe ouvir outras pessoas comentarem seu grande amor por mim. Passara a sentir que o amor da minha mãe por mim visava unicamente me transformar em um eco seu; e não sabia porque, mas sentia que preferia morrer do que ser apenas um eco de alguém. (Kincaid, 1990, p. 18).

A mãe de Lucy jamais reconheceu que as necessidades da filha eram mais importantes que os desejos que alimentava com relação ao futuro dela. Lucy, certa vez, sentiu tanto ódio que disse à mãe que desejaria vê-la morta, embora soubesse que ninguém no mundo significava tanto para ela quanto a mãe. E quais os motivos de tanta raiva? Lucy recebeu uma educação diferente da de seus irmãos, conforme relata à Mariah:

Fora filha única até os nove anos de idade, e então no espaço de cinco anos minha mãe tivera três filhos; cada vez que nascia mais um filho, minha mãe e meu pai anunciavam um para o outro com seriedade que o novo filho frequentaria a universidade na Inglaterra e estudaria para médico ou advogado ou para ocupar uma importante e influente posição na sociedade. Não me importava que meu pai dissesse tais coisas dos filhos, homens como ele, e me deixasse de fora. Meu pai não me conhecia nadinha; não esperava que sonhasse para mim uma vida eletrizante e coroada de êxitos. Mas minha mãe me conhecia tão bem, tão bem quanto conhecia a si mesma. (Kincaid, 1990, p. 70).

Após o nascimento dos irmãos, Lucy passou a ser desprezada pelos pais, contudo, a distinção da mãe, mulher como ela, foi mais sentida, porque sua mãe não impediu a diferença que fosse estabelecida. Então, alimentou o sonho de estar longe da mãe, que significou a ruptura com os laços maternos e patriarcais que eram reproduzidos por sua mãe. Ela diz, cheia de mágoa: “De mim comecei a chama-la de Sra. Judas, e comecei a fazer planos para me separar dela” (Kincaid, 1990, p. 70). Apenas longe de casa e longe da mãe é que Lucy imagina encontrar um futuro promissor, longe do julgo patriarcal e das vontades de terceiros, portanto, Lucy parte em nome de sua identidade rebelde e livre. Em resposta ao desprezo da mãe, Lucy abandona o país e deixa a família para trás em nome de forjar a sua própria identidade. De acordo com Silva (2012, p. 66),

Lucy assume a vontade de firmar sua identidade já a partir do momento que decide se afastar do contexto opressor que conhece; ela afasta-se da família (principalmente da

mãe), mas também de sua própria terra natal. Através desta separação física, a personagem vai em direção a uma separação ainda mais profunda, a psicológica, a fim de construir seu eu próprio. Mesmo sobre o desejo de afastar-se é importante ressaltar que este desligamento proposto por Lucy quando sai de seu país nunca é concretizado por completo, pois ela continua presa por suas raízes e principalmente por suas lembranças.

Em busca de novas perspectivas em nome de sua liberdade e contra opressões, Lucy foi embora de Antigua e não voltou nunca mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A FUGA PERFEITA É SEM VOLTA

A migração de Lucy não cessou quando ela partiu de Antigua. A minha heroína entendeu que não viveria para sempre cuidando de quatro crianças que um dia cresceriam, que não queria ver o mundo pelos olhos de Mariah, que não gostaria de estudar enfermagem, como sua mãe desejava, nem mesmo gostaria de viver uma paixão e criar expectativas romantizadas sobre alguém que poderia controlar o seu corpo e os seus desejos. Suas motivações eram genuínas, interiores e muito próprias, articuladas em meio a muitos conflitos: língua, estereótipos, pós-colonialidade, machismo e transculturalidade de uma identidade que foi forjada a partir das marcas das opressões de sua casa.

Embora Lucy pareça soberba quando questiona o fato de aprender a ler em outro idioma; quando sonha com o seu patrão em uma posição abusiva e violenta; quando se irrita com Mariah por esta reproduzir estereótipos sobre populações inteiras que foram submetidas a violências que jamais serão esquecidas; quando não permite que sequer sua mão lhe diga o que faça ou que qualquer homem controle seu corpo, não é por arrogância ou soberba, até porque sua subjetividade, como mulher, como ser humano cognoscente, sempre foi enquadrada em imagens de controle que a categorizavam como um indivíduo primitivo e selvagem.

Lucy apenas revelou a sua potência como mulher ao romper com os papéis sociais que poderiam contrapor a postura passiva que guardavam para ela como mulher negra e racializada. Ela avança com fúria sobre as opressões, sempre de maneira lúcida a cada ação e a cada raciocínio, agindo a partir do que acredita que é o melhor para si. O livro termina em movimento – Lucy passa a viver sozinha, praticando fotografia, pensando em começar a escrever, dando continuidade ao processo que iniciou quando atravessou o oceano, contudo mobiliza-se dentro do entre-lugar (Bhabha, 1996), articulando em sua vida as marcas do passado e projetando seu presente e futuro contra forças hegemônicas.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária: Abordagem Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3. ed rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 253-285.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt> Acesso em: 22 maio. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPIR, 2014. p. 13-48. (Precursos, v. 1).

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINCAID, Jamaica. Americanas fogem do rótulo das minorias. [Entrevista cedida a] Fernanda Scalzo. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, São Paulo, 21 jul. 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/21/ilustrada/1.html>. Acesso em: 22 de maio. 2024

KINCAID, Jamaica. **Lucy**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1990.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. *In*: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. *In*: Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 141-153.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 1. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018. p. 31-61. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: Vivências sexuais de mulheres negras**. Pittsburgh, Estados Unidos: Latin America Research, 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

SILVA, Márcia Maria da Silveira. **O feminismo pós-colonialista de Jamaica Kincaid: rumo à liberdade.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** Tradução de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

WOODSON, Carter Godwin. **A des-educação do negro.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. São Paulo: Penguin – Companhia das Letras, 2021.

Recebido em: 22/05/2024

Aprovado em: 18/06/2024

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_21